

APRESENTAÇÃO DESTA COLETÂNEA

Desde que comecei a trabalhar em Lexicografia, originalmente na elaboração de um “Dicionário Infantil” (1977) que posteriormente se converteu no “Dicionário Fundamental do Português (ou “Dicionário Escolar da Língua Portuguesa”), venho estudando os variados aspectos teóricos, técnicos e metodológicos da confecção de dicionários. Por causa dessa experiência pareceu-me útil organizar uma coletânea sobre a matéria, em virtude do autodidatismo que impera nos trabalhos lexicográficos produzidos no Brasil; julgo que já chegou o momento de a universidade brasileira ocupar-se de uma tarefa tão básica em qualquer sociedade moderna civilizada, a saber, elaborar os dicionários de que essa sociedade necessita e fazê-lo com competência técnica e científica.

O objetivo desta coletânea de artigos sobre a ciência e a técnica dos dicionários, foi o de montar um pequeno manual que pudesse servir de iniciação e/ou orientação para jovens pesquisadores que possam vir a trabalhar nesta nobre ciência — a Lexicografia. Assim, doravante, poderão contar com um arcabouço teórico publicado em língua portuguesa.

Um volume como este deveria ocupar-se dos problemas lexicográficos fundamentais. Eis por que é preciso tratar também do Léxico e da Lexicologia, pois a ciência dos dicionários é alicerçada na ciência da palavra. Não tenho a pretensão de cobrir todas as questões que este assunto exigiria. Contudo, creio que alguns tópicos básicos estão abordados neste volume.

Como a Lexicografia é uma ciência velha que tem contado com o concurso de especialistas de várias línguas e culturas, procurei reunir um pequeno número de textos representativos. Alguns deles foram escritos por insignes autoridades na matéria, é o caso, por exemplo, dos trabalhos da francesa Josette Rey-Debove e do espanhol Julio Casares.

A estrutura deste volume consta de: a) quatro textos escritos originalmente para ele: dois de minha autoria, um da Prof.^a Ieda Maria Alves e um do Prof. Rony Farto Pereira; b) três traduções, excertos de obras ou artigos, produzidos em outras línguas, e que foram traduzidos por colegas da UNESP. Esses trabalhos podem ser considerados estudos básicos em matéria de Lexicografia. Cada um deles enfoca um ângulo diferente. Por conseguinte, eles se completam mutuamente. Devo acrescentar ainda, antes de passar a considerações de detalhe, que os textos mais substanciais representam a Lexicografia européia e a sua antiga tradição; somente o artigo de Weinreich acrescenta algo do mundo acadêmico americano, cujos lingüistas parecem desinteressados da nossa ciência. Nos comentários que seguem sobre cada artigo, acompanharei a ordenação dos estudos e/ou capítulos.

O meu trabalho “A Ciência da Lexicografia” tenta abordar alguns problemas genéricos desse domínio. Esbocei um amplo painel da problemática, da técnica e dos métodos da Lexicografia, pensando no intelectual que pretenda trabalhar sobre o tesouro léxico da nossa língua materna. Ocupei-me primeiro da história da Lexicografia. O espaço reduzido de um artigo permitiu-me apenas aflorar a matéria. A seguir, forneço informações sobre os principais tipos de dicionários. Na secção seguinte procurei mos-

trar como o computador pode ajudar os lexicógrafos na sua árdua tarefa, compilando, classificando e ordenando dados léxicos e contextuais; dessa forma libera energias dos dicionaristas para o trabalho mais complexo da seleção de dados e elaboração de verbetes.

No segundo artigo examino os vários problemas e métodos relacionados com os dicionários unilingües, especialmente o dicionário-padrão da língua. Trato das etapas e técnicas de confecção de um dicionário como a redação de verbetes. Abordo também um dos problemas centrais na elaboração de um dicionário: a definição léxico-gráfica assunto ao qual se dedicará um espaço maior no artigo de U. Weinreich: “A definição lexicográfica na semântica descritiva”. Também analiso superficialmente a questão da polissemia e da homonímia, da sinonímia e da antonímia, matérias que serão igualmente examinadas em detalhe no artigo de Julio Casares: “Semântica e Lexicografia”.

O artigo de Josette Rey-Debove foi extraído do livro: *Le langage* (Les dictionnaires du savoir moderne. Centre d’Etude et de Promotion de la Lecture. Paris, 1973, pp. 82-108). A autora é uma das principais lexicógrafas da equipe autora dos dicionários *Le Robert: Grand Robert, Petit Robert, Micro Robert*. Foi traduzido pelo Prof. Clóvis Barleta de Moraes.

Inicialmente Rey-Debove trata das relações entre o léxico e a gramática; a seguir, define alguns conceitos operatórios básicos da Lexicologia: a palavra, a unidade léxica, a lexia, o morfema, uma classe aberta (o léxico), uma classe fechada (os morfemas), o repertório léxico de uma língua etc. Mostra como o léxico é o domínio da língua menos especificamente lingüístico por ele se reportar ao universo referencial, físico e cultural, em que se situa o homem. O conjunto de signos que compõem o léxico, conferem a ele um estatuto semiótico, criando um sistema de mundo. Rey-Debove discute também o problema da designação dos referentes dentro do universo físico-cultural, mostrando como se relacionam as palavras e coisas. Outro problema analisado é o dos limites do léxico, já que ele é um conjunto aberto com possibilidades infinitas de expansão. Vários outros tópicos da Lexicologia são aí tratados: os vocabulários especiais, o léxico e a evolução da língua, o significado das palavras como função dependente do contexto, a estruturação do léxico e das significações, os dicionários como nossa única idéia sobre o léxico, o que são os dicionários.

O lexicógrafo Julio Casares é autor de um dos raros dicionários (não alfabético), baseado na estruturação dos conceitos. *Diccionario Ideológico de la Lengua Española* (1942). De sua autoria é o trabalho inserido nesta coletânea “Semântica e Lexicografia” (em três unidades: I, II e III). Foi extraído do livro *Introducción a la Lexicografía Moderna* (Madrid, C. S. I. C., anejo III, 1950; capítulos II, III e IV da segunda parte, pp. 50-100) e traduzido pela Prof.^a Balbina Lorenzo Feijóo Hoyos. Aí se discutem os controvertidos processos de lexicalização em uma língua — no caso, a espanhola — idioma muito próximo do português. Casares trata também do problema da lematização, ou seja, a decisão técnica de escolher como entrada de um dicionário, uma ou outra forma vocabular, o que envolve controvérsias permanentes em meio aos lexicólogos sobre as lexias (palavras) complexas e o como e o quando se dá a categorização lexical de um polinômio vocabular. Esse problema é ampliado por causa da tradição caótica de muitas grafias, particularmente no caso de “locuções vocabulares”. Ensina como se devem ordenar as acepções (significados, valores) de um vocábulo, dada a intrincada malha de significações, criada pela evolução semântica que sofrem as palavras. Advoga as vantagens e as virtudes de um dicionário que tivesse um índice de frequência do uso de cada palavra, ou de cada acepção de uma palavra.

O artigo “Definição lexicográfica em Semântica descritiva”, de Uriel Weinreich, foi tirado de *Problems in Lexicography* (F. Householder & S. Saporta, eds., Bloomington, Indiana University Press, 1967). Foi traduzido pela Prof.^a Maria Cecília P. Barbosa Lima. Depois de opor a descrição semântica à descrição lexicográfica, Weinreich se concentra no problema específico da definição lexicográfica. Analisa os vários aspectos teóricos do ato de definir um termo para um dicionário e os tipos de critérios que podem ser adotados. Uma questão de grande relevância é a do tipo de metalíngua que se deve adotar na redação de um dicionário e a metodologia empregada para definir o “definiendum”, podendo-se empregar várias estratégias: o método analítico, o método sintético, o método denotativo, o método ostensivo ou de mostração, o método implicativo, ou contextual. O método escolhido dependerá da natureza do termo a ser definido: um referente concreto, uma noção abstrata, uma ação ou processo verbal, um instrumento gramatical etc. A sinonímia e a antonímia usadas amplamente nas definições, têm também grande importância lexicográfica. O lexicógrafo, ou a equipe de lexicógrafos que trabalham na confecção de um dicionário, nunca se deve esquecer que as suas definições devem valer para toda a comunidade lingüística a que ele se destina e assim usarem a linguagem comum a todos e não o(s) seu(s) idioletos(s) particular(es).

O léxico é um sistema aberto em expansão. Numa língua viva de civilização é o domínio lingüístico que mais sofre alterações, sobretudo em função de novas criações vocabulares — os neologismos. No português contemporâneo brotam neologismos quase diariamente. Muitos deles serão descartados posteriormente como tantos produtos modernos descartáveis. Outros, porém, se incorporarão definitivamente ao léxico português fazendo-o crescer. Entre os problemas a serem considerados em Lexicologia e em Lexicografia, o da problemática neológica é certamente um dos mais importantes sobretudo nos tempos contemporâneos. Os meios de comunicação de massa (MCM) veiculam uma massa enorme de neologismos, a maior parte deles provenientes das ciências e das técnicas. Os MCM incumbem-se de banalizá-los e integrá-los na língua comum. Os dois últimos artigos desta coletânea são dedicados ao estudo dos neologismos no português contemporâneo. Em ambos, os autores utilizaram MCM de grande penetração no Brasil contemporâneo como fontes para coletar o seu arquivo de formações neológicas.

O trabalho da Prof.^a Ieda Maria Alves “A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português” constitui o penúltimo artigo deste livro. A colega vem trabalhando há alguns anos sobre esse assunto, eterno cavalo-de-batalha para um dicionarista. Aliás, a problemática dos neologismos foi a matéria-prima da tese de doutoramento e também é o tópico da tese de livre-docência da colega. O presente artigo começa por estabelecer uma tipologia dos neologismos. Depois mostra como se tem feito a integração à fonética e à ortografia portuguesas dos mais recentes neologismos incorporados à nossa língua. O caso mais freqüente é o de empréstimos vocabulares feitos a outras línguas, máxime o inglês. O seu corpus baseou-se num amplo levantamento feito em periódicos, jornais e revistas de grande circulação no Brasil contemporâneo (*Veja, Visão, Isto é, Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo* etc.). Tal levantamento evidenciou a freqüência desses neologismos estrangeiros. São também discutidos os problemas criados no processo de categorização gramatical segundo os padrões léxico-gramaticais da língua portuguesa, ao serem importados e incorporados esse, vocábulos estrangeiros. Os neologismos confirmam uma afirmação que se fez acima (cf. artigo de Rey-Debove) de que o léxico é um sistema aberto e em expansão. Eles só serão consagrados no uso vernáculo quando passarem a fazer parte de um dicionário conceituado da língua. O lexicógrafo constitui, portanto, o juiz que dá o seu aval a

um neologismo, em nome da comunidade lingüística, a fim de integrar esse vocábulo no tesouro léxico do idioma.

No último artigo o Prof. Rony Farto Pereira analisa um corpus de neologismos, recolhido em matéria publicitária das revistas *Veja* e *Isto é*. Constatou que a derivação prefixal é o processo de criação léxica mais utilizado, superior mesmo ao da sufixação. Concluiu que o número de neologismos gerados com recursos primários do português é bem superior aos vocábulos com base em estrangeirismos, pelo menos na linguagem publicitária.

A Lexicografia brasileira digna do nome é muito pobre, com raras exceções: Antenor Nascentes, Antônio Houaiss, Francisco Fernandes, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Hamílcar de Garcia e Antônio Geraldo da Cunha entre os modernos; entre os antigos só cabe citar o velho Moraes. Muito, senão quase tudo está por fazer no domínio desta ciência, especialmente quando confrontamos a nossa magra produção com a variedade e a qualidade da safra de dicionários em línguas como o francês, o inglês, o espanhol, o italiano, o alemão etc., tanto no passado como no presente. Não vou listar aqui o rol das tarefas que precisam ser executadas em Lexicografia no Brasil. Vou limitar-me a algumas que me parecem mais urgentes.

1) Um *Dicionário padrão da Língua Portuguesa contemporânea*, efetivamente baseado no uso oral e escrito da língua que falamos e escrevemos hoje. Deve ter o rigor técnico de dicionários como os franceses da série *Le Robert*, os ingleses tipo Oxford, Longman, Webster.

2) Um *Dicionário de frequência do português brasileiro contemporâneo* para ser uma fonte de referência permanente sobre os índices de frequência e de uso das palavras, dependendo do registro lingüístico e do gênero literário, nos moldes dos dicionários de frequência de Alphonse Juilland e sua equipe (francês, espanhol, rumeno, italiano e português). Tal dicionário teria uma enorme utilidade didática, sobretudo na elaboração de livros escolares. Assim se evitaria uma atitude comum no ensino da língua materna: a insistência no aprendizado de vocabulário obsoleto, raro, exclusivamente literário ou técnico, típico apenas de um registro, bem como de formas gramaticais raríssimas etc.

3) Um *Dicionário de verbos e regimes* que corrija os erros e os equívocos de Francisco Fernandes e que atualize as suas fontes. Uma equipe de professores do Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação do Campus de Araraquara, UNESP, liderada pelo Prof. Francisco da Silva Borba, já está trabalhando nesta tarefa.

4) Uma série de dicionários técnicos e científicos dos variados domínios da Tecnologia e da Ciência modernas.

Editando o presente livro eu sonhava dar a partida nesta obra enorme que discriminei acima, bem como fornecer subsídios para os grupos que se vierem a constituir, animados do ideal de fazer os dicionários de que as culturas brasileira e portuguesa necessitam.

Maria Tereza Camargo Biderman